

Do oráculo de Delfos ao Ciberespaço

–A Comunicação Virtual

Nelson Costa Fossatti

Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul
nfossatti@terra.com.br

Resumo

O artigo apresenta a evolução das várias concepções do “existir” que sob a perspectiva da comunicação, deram origem à dimensão virtual. O estudo situa quatro abordagens distintas: mítica-filosófica, metafísica, ontológica e ciberespacial. A análise percorre uma linha de tempo que inicia no insólito templo Delphos, na Grécia clássica, e desloca-se na direção de um novo ecossistema de informações, denominado “ciberespaço”. Propõe especular sobre a origem indiciária do homem, demonstrando que na sua longa caminhada, entre o zôon logistikón e o zôon politikón, se desloca do virtual para o real, como se o conhecimento fosse o resultado de uma reconstrução de códigos e informações desterritorializadas. Introduce a idéia de que o conhecimento da humanidade é apresentado como um somatório de passados, constituídos no tempo e no espaço, definido por formas de comunicação virtuais, que se inscreve como um dos processos que lhe atribuíram a vida no real.

Palavras-chave: dimensão virtual – real – comunicação virtual

1. Introdução

O advento das tecnologias digitais e com a implantação de modernos sistemas de comunicações foi possível que o processamento distribuído, configurasse novas topologias de rede, capazes de reproduzir formas de comunicação virtual, e oferecer total onipresença, às informações e mensagens propagadas pela mídia.

Novas fases de integração possibilitaram comunicação assíncrona, uma forma de comunicação que desafia o tempo e o espaço, permitindo que diferentes indivíduos possam comunicar-se em tempo real, em diferentes horários, independentes um dos outros, dispensando a simultaneidade, resgatando-se portanto, um conceito antigo da comunicação explicado pela dimensão do “virtual”.

Portanto se antes a virtualidade era concebida pela escrita, no rádio, no telefone, fax ou secretária eletrônica, televisão e computadores, agora as redes com processamento distribuído, institui-se um novo lugar onde acontece a geração, processamento, armazenagem e difusão de mensagens. Assim a facilidade de acesso a processadores locais e a integração de *backbones*

transnacionais de alta capacidade estão definindo a rede Internet, como instrumento de comunicação que reatualiza de forma permanente o processo de comunicação entre os públicos.

A fim de ensaiar algumas destas atualizações o estudo vale-se do significado de duas palavras de origem latina o “existir” e o “virtual” de significações similares

Existir ou *ex sistere*, etimologicamente tem seu significado latino significa “situar-se do lado de fora”, estar posicionado fora de (prefixo *ex* fora de– sufixo *sistere* ,posicionado,posicionado , colocado). A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado de *virtus*, força, potência. O virtual é o que existe em força, que existe em potência.

Neste contexto a palavra “existir” apresenta um significado especial no desenvolvimento deste estudo, representa um fio tênue, que alimenta a roca do tempo dos filósofos que ensejaram esta análise.

Nesta hermenêutica, o significado de existir pode ser compreendido como estar colocado de fora, posicionado fora, ter uma presença exterior, o estar aí, o ser em potência que pode ser chamado a se manifestar. Observa-se que tanto “existir” como “virtual”, são duas palavras diferentes que apresentam uma singularidade em comum, não apenas sua origem latina, mas ambas tenderam se assumir uma a outra no tempo.

Enquanto o “existir” estaria ligado a uma forma de “auto comunicação” o virtual estaria situado no espaço das inteligências coletivas permitindo explicar o que alguns autores chamam de ciberespaço.

As atualizações apresentadas neste estudo são indiciárias, decorrem da evolução da comunicação social e de novas mediações tecnológicas.

A lógica que explica a palavra existir (*ex-sistere*) associada ao significado de virtual (*virtus*) respondem ao princípio de circularidade, presente na comunicação, permitindo o “virtual” assumir o lugar do “existir”, ambos com o significado de “estar a disposição em algum lugar para ser interpelado pelo sujeito”.

Por outro lado, verifica-se a necessidade de repensar as atualizações desenvolvidas com enfoque no virtual, uma vez que esta dimensão coloca frente a frente a desterritorialização de elementos básicos da comunicação, *emissor-receptor e a mensagem*.

Pode-se inferir que tais elementos distanciam-se da mecânica newtoniana na medida em que se torna impossível sua localização na relação espaço /tempo. Sendo assim, a ausência desta simultaneidade institui “o lugar” onde a lógica da relatividade passa a ser explicada através da comunicação do virtual.

Esta relatividade que advém da palavra “existir” tem origem em uma época distante, em que a comunicação “em existir” ou “em virtual” iniciou-se no portal de Delfos, numa perspectiva do homem interagindo com ele mesmo.

Associação do pensamento filosófico com a comunicação permite especular nesta análise algumas evidências de que há algo a mais do outro lado do rio, no dizer de Martins (2000, p.71) “do outro lado do rio, a filosofia, com suas escolas , sistemas e doutrinas : um permanente estado de debate virtual das questões do ser , do homem e do mundo ...”

A virtualidade que projetou-se no real, adormecidas no velho templo de Delphos, inspirou a idéia que desafia o presente ensaio. Assim, não é demais acordar a mensagem pitagórica do “*nosce te ipsum*”, e decifrar na linha de tempo os seus muitos significados.

2. Comunicação virtual-Abordagem mítica-filosófica

No templo de Apolo em Delfos estavam inscritas “*nosce te ipsum*” (conhece-te a ti mesmo) tais palavras tidas como admonição do oráculo, foi identificada como conselho de um dos sete sábios da Grécia clássica.

Alguns autores atribuem sua autoria a Pitágoras, filósofo que nasceu em Samos em (582-507 a. C.). Sendo fiel a Apolo de Delfos defendia a purificação da alma por meio da sabedoria ou *theoria*, isto é, pelo conhecimento, acreditava que este comportamento livraria a alma da transmigração ou “roda dos nascimentos”.

Pitágoras entendia que a sabedoria se desenvolvia pela abstinência e pelo isolamento. (na alimentação era fundamental não comer carnes, abster-se de sexo e de bebidas fortes)

Adepto de Apolo, acreditava na verdade como inspiração e revelação divina, por isso teria dito que a sabedoria plena pertence ao deus Apolo e que o sábio (*sophós*) só resta ama-la, deseja-la ligar-se a ela pela amizade (*philia*), tornando-se *philosophos*. Chauí (1994,p.60).

Pitágoras entendia que aqueles que eram adeptos do deus Dionísus cujas almas estavam presas às paixões do corpo, a vaidades, a fama, a glória a vida mundana certamente teriam o destino da roda dos nascimentos.

Este foi entre os filósofos, um dos primeiros a sugerir que as almas que não alcançassem a purificação na terra deveriam voltar ao mundo e renascer por isso a déia da roda dos nascimentos.

Portanto, a chamada “roda dos nascimentos” foi a primeira invocação de virtualidade decantada por Pitágoras. Nesta roda, as almas se rerepresentavam e renasciam várias vezes até alcançarem a purificação. Desta forma, parecia lógico aos filósofos da época que se assim procedessem deveriam apresentar-se com conhecimentos anteriores.

Nestas almas o conhecimento existia de forma latente, em potencia, estava a disposição sem que ainda estivesse renascido ou se materializado assumindo um outro corpo.

A virtualidade pitagórica está em propor que sobre a roda de nascimentos as almas renasciam trazendo conhecimentos de existências anteriores. O existir nesta perspectiva, apresenta-se com aquele significado inicial de estar colocado do lado de fora, a sua atualização significa dizer “**o conhecimento se manifesta de forma virtual**”.

Verifica-se nos diálogos de Platão (427-348 a C), outro filósofo, chamado Sócrates (469-399 a C.), quando questiona a Mênon, se refere a virtualidade, como resultado das “Reminiscências”.

Sócrates formulou um problema de geometria, a um menino escravo, o qual nunca tendo estudado geometria, conseguiu resolver o problema, conforme diálogo a seguir:

“SOCRATES:- ora se sempre possuiu o conhecimento, sempre soube? e se o adquiriu em alguma ocasião não foi nesta vida. ou acaso, alguém ensinou geometria a teu escravo? Aliás, este repetirá a propósito de todas as demais ciências o que acaba de fazer em relação à geometria. E então quem foi que o instruiu relativamente às ciências?

MÊNON: - Ninguém, com efeito, asseguro-te, lhe ensinou nada.

SOCRATES:- Ora, se antes e durante sua vida este escravo nada aprendeu, é porque nele há conhecimentos que despertados pela interrogação, se transformam em conhecimentos científicos. É certo, pois que sua alma sempre os possuiu. É claro que a existência e não apenas a existência do homem reúne toda a duração

MÊNON:- É

SÓCRATES: - Portanto, se sempre e em todos os tempos se encontra em sua alma a verdade das coisas, não se segue daí que a alma é imortal? Se assim é, caro Mênon, enche-te de coragem e procura sem receio, sem descanso o que atualmente não sabes, isto é aquilo que perdemos a lembrança e esforcemos-nos para o descobrir e de nos lembrarmos novamente dessas coisas”. Platão(1992, p.61).

Na indagação de Sócrates a Mênon, aquele sugere que o homem não aprende apenas relembra conhecimentos anteriores que já possuía, ou seja, conhecimentos que já existiam em potência aguardando solicitação.

Segundo o filósofo, de alguma forma com o tempo, o homem vai redescobrir dados, informações que estão virtualmente armazenada no seu interior.

O exercício chave é a lembrança, é fruto de um existir que se dá a revelar com o recordar. A atualização do pensamento de Sócrates significa dizer que **“a lembrança é uma forma de revelação do virtual”**.

Por sua vez, Platão (427-348 a.C.), aluno de Sócrates, também entendia que *“o verdadeiro conhecimento é inato a todos homens”*, (Platão *apud* Raeper e Smith ,1997, p.19) no seu dizer *“não precisamos confiar em nossos sentidos para obter conhecimento sobre o mundo. O verdadeiro conhecimento é formado por conceitos (idéias que já estão em nossa cabeça) e por informações (idéias que chegam até nós por meio dos sentidos).*

Este pensamento de Platão é o que oferece uma das melhores concepções quanto ao ser virtual. A virtualidade está manifesta, não como “representação” da idéia, mas na “apresentação” da idéia quando solicitada. A expressão de uma realidade já existente em nossa mente, também advém como os demais filósofos de vidas anteriores.

Portanto, pode-se dizer que a noção de existir como virtualidade, já era concebida por Platão (427-348 a. c.) sendo conforme o filósofo “o existir é inato na mente de cada homem ” o existir como forma de potencia , que está depositado fora, a atualização do pensamento de Platão poderia ser descrito **“ o conhecimento virtual é inato nos homens”**.

3. Comunicação virtual e abordagem Metafísica

O termo metafísico ou a ciência primeira designava inicialmente as obras de Aristóteles (384-322 a. C.), na coleção de ANDRÔNICO DE RODES, “a ciência que estamos procurando ciência que transcendem o mundo visível e sensível, ou seja, ciência do imaterial o que significa o ser enquanto tal. Tem o estudo do ser como seu objeto” (JOVILET, 1960 p.17). É importante considerar nesta abordagem, o ser quando se refere à essência e existência.

O ser pode ser encarado sob dois sentidos, como essência (ou natureza), e como existência, e objeto próprio da metafísica o *ens commune*, isto é aquilo que ele é. Infere-se que de fato a existência mesma, ao que visa formalmente a filosofia e especialmente a metafísica.

No plano metafísico, a existência passa a conceber uma forma de comunicação com os seres imateriais (Deus e a alma). Esta referência encontra-se em Agostinho de Hipona (354-430 d.c) com sua teoria da “iluminação divina”.

A forma de “Comunicação do existir” adotada por Agostinho responde suas reflexões no início de sua vida religiosa, a teoria das “reminiscências” de Platão, pelo qual o “conhecimento está em recordar”.

Agostinho ao desenvolver a teoria da “iluminação divina”, defendia a idéia de que Cristo era um mestre interior, era, portanto, o responsável pela aprendizagem e salvação dos homens. A salvação não poderia ocorrer pelas próprias forças era necessário ter fé, um atributo dado por Deus.

Esta contribuição de Agostinho, sem dúvida, coloca disponível um “ser superior” que existe de forma imanente, que quando solicitado é capaz de responder oferecendo o conhecimento, sabedoria e aprendizagem. Mais uma vez manifesta-se o lugar do existir, o lugar do virtual como um banco de informações, um estar aí. Desta forma pode-se encontrar Cristo à disposição, no interior de cada homem como fonte de conhecimento.

É notável o estudo desenvolvido por Santo Agostinho principalmente em seus *Soliloquios* (p.474-475), livro II. No diálogo sobre a imortalidade da alma ele reafirma o dizer de seu interlocutor “*ergo verum est cogitare te*” (é verdade que pensas) e conclui suas reflexões “*Pero solo es biem aventurado el que vive, y nadie vive si no existe; Tú quieres ser, vivir, entender, y existir para vivir y vivir para entender. Luego sabes que existes, sabes que vives, sabes que entiendes*” (idem, p.475).

Muito embora o ser pensante, ainda não assumisse sua condição ontológica do “ser aí”, invocada por Heidegger, o ser de Agostinho, ainda sofria influência de ser pensado segundo a lógica divina, atendendo, porém, o primeiro conceito da metafísica “teológico”. Esta atualização de Santo Agostinho refere-se ao existir o estar disponível, no interior de cada indivíduo: “**a iluminação divina oferece a virtualidade interior**” ou “**é verdade que pensas, é verdade que existes (é verdade que és virtual)**”.

Pensar o interior do homem através da “autocomunicação”, encontra eco na obra *Tusculan Disputations* do grande político e tribuno romano Cícero (49 a.C.) através da qual enunciava que o “existir é pensar”.

Animo autem multis modis variisque delectari licet, etiam si non adhibeatur aspectus; loquor enim de docto homine et erudito, cui **vivere est cogitare**; sapientis autem cogitatio non ferme ad investigandum adhibet oculos advocatos. Cícero (49 a. C. p. 536, XXXVIII-111)

Na concepção de Cícero pensar “*vivere est cogitare*” viver ,existir é pensar , segundo o autor, o pensamento é capaz de enxergar mais com a alma que com os olhos.

Para Cícero, a alma era fonte e o espaço próprio para as investigações, uma vez que a alma deveria contribuir com informações, conhecimentos, armazenados no tempo, reproduzindo uma outra forma de auto comunicação virtual , através do “*vivere*”.

Desta forma “A alma encontra prazeres em muitos caminhos até mesmo pode dispensar a visão. Refiro-me a um educador, um professor, instrutor com o que *viver é pensar*; o pensamento de um homem sábio raramente se utiliza da visão para auxiliar suas investigações”.

Cícero indiretamente chamou atenção de que o “pensar” traz a luz, sabedoria que existe interior, que vive e esconde-se na alma do homem.

Esta atualização projeta o viver no pensar, ou seja “**a virtualidade está no pensamento**”.

Com **Descartes** (1596-1650), a filosofia dá um salto importante. Este filósofo, se propõe libertar a subjetividade que sujeita a ciência à metafísica, lançando os fundamentos para liberar a razão, revisando o homem como senhor de seu mundo.

Em sua obra, *Princípios da Filosofia* publicada em (1644, II, 7-8) pode se verificar a importância deste princípio, em uma época de descrença na ciência e na religião.

Em seus princípios, Descartes entende que pensamento e consciência são idênticos, não como essência do “eu”, o eu é apenas uma potencialidade, ou no máximo um registro de relações percebidas, colocando a dúvida como condição de existir, para o autor, o primeiro conhecimento seria :

7- Que não poderemos duvidar sem existir, e que isso é o primeiro conhecimento certo que se pode adquirir.

Enquanto desta maneira rejeitamos tudo aquilo de que podemos duvidar, e que simulamos mesmo ser falso, supomos facilmente, que não há Deus, nem no céu, nem na terra, e que não temos corpo. Mas não poderíamos igualmente supor que não existimos, enquanto duvidamos da verdade de todas estas coisas: porque, com efeito, temos tanta repugnância em conceber que aquele que pensa não existe verdadeiramente ao mesmo tempo em que pensa que, apesar das mais extravagantes suposições, não poderíamos impedir –nos de acreditar que esta inferência EU PENSO LOGO EXISTO, não seja verdadeira e, por conseguinte, a primeira e a mais certa que se apresenta àquele que conduz os seus pensamentos por ordem. (Descartes, apud Ribeiro 1995 p.24).

Assim o discurso do método (1637), inaugurou uma nova forma de pensar o sujeito, o que permitiu-lhe afirmar “*cogito ergo sum*” (penso, logo existo), posteriormente na abordagem que fez aos *Princípios da Filosofia* (1644, I, 7,10), “*Je pense, donc je suis*” tradução mais transparente “eu penso logo sou”

Descartes, ao propor princípio de pensar para ser, ou existir oferecia uma grande contribuição ao mundo das ciências, muito embora, a busca do real e da verdade ainda continuasse com sua visão circular. No dizer de Descartes, conforme observa Chauí (1999, p.336), a verdade só encontra explicações através de Deus.

“só estamos verdadeiramente seguros das coisas que percebemos claramente e distintamente são verdadeiras por que Deus existe; porém só estamos seguros de que Deus existe porque o percebemos clara e distintamente e, por conseguinte, antes de estarmos certos da existência de Deus, temos que estar certos de que todas as coisas percebidas clara e distintamente são verdadeiras”.

Merece destaque a observação de Damazio (1996, p.279), ao comentar sobre o erro de Descartes:

Descartes, concebeu este princípio de forma errada . acreditando no ato de pensar como uma atividade separada do corpo, esse foi o seu grande erro. Essa afirmação entretanto celebrou não só a separação da mente “coisa pensante” (*res cogitans*) , do corpo não pensante, o qual tem extensão e partes mecânicas (*res extensa*) a idéia da separação.

Esta reflexão, sobre o erro de Descartes, não exclui o estudo em questão, reforça a idéia do existir embora a mente separada do corpo. Atualizar Descartes significa projetar o existir no ato de pensar: **“Penso logo sou virtual”**

4. Comunicação Virtual –Abordagem Ontológica

A abordagem ontológica de comunicação virtual, encontra-se no segundo conceito da Metafísica, entenda-se “ ontologia” como uma doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser.

Uma das maiores contribuições verificada nesta área, deve-se ao filósofo Heidegger (1927), e posteriormente a Lacan (1964) ambos trabalharam a comunicação virtual sob uma abordagem ontológica.

Heidegger (2001), foi um dos primeiros filósofos a pensar a existência como um modo de ser vinculando o homem, as coisas, ao conjunto de relações com o mundo e a outros homens.

Para este autor, um ser está aqui e agora em potência, sugere evitar uma confusão, devendo-se usar a expressão “*ser simplesmente dado* (N8)”, para designar existência e reservando-se existência como determinação ontológica exclusiva da pre-sença (Dasein) , “*a natureza do Ser-áí consiste na sua existência. O Ser-áí [Dasein], pelo qual indicamos tal ente, exprime o ser, e não a*

qüididade (essentia) portanto “ a essência da pré-sença está em sua existência” (idem p.77).

Esta forma de pensar o ser estabelece uma comunicação do ser com seu ente. A esta análise interessa, a perspectiva que Heidegger oferece quando propõe a idéia de pré-sença ou *Daisen*, “ser aí” , “être-lá”, “esser-ci” que para o português foi traduzido como pré-sença, “*é na presença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história*”.(Heidgger 2001, p.309).

A filosofia heideggeriana do *Daisen*, subentende o existir em lugar nenhum o “ser-aí” , definindo uma nova forma de virtualidade. Atualizar o princípio de Heidegger significa dizer: **“é de forma virtual que o homem constrói o seu modo de ser, sua existência , a sua história”**

Embora Heidegger (20001,p.53), considerasse Descartes omisso, pois seu conceito de “ser” atendia apenas a ontologia medieval e, portanto era indeterminado, de forma diferente Lacan, reconheceu a importância de Descartes quando observou : “*o campo freudiano não seria possível senão por certo tempo depois da emergência do sujeito cartesiano por isso que a ciência moderna só começa depois que Descartes deu o passo inaugural*” (LACAN, 1964,49).

Se Descartes propunha o *cogito ergo sum* ou “penso por isso sou virtual”, Lacan atualizou este princípio ao estudo da psicanálise, alterando para “o existir onde não está”, para o autor “*o inconsciente é o discurso do Outro. Ora o discurso do outro, que se trata de realizar, o do inconsciente, ele está do lado de fora*.” Lacan (1964, p.126), O autor afirma que “ *é no outro que aquilo que quero me é revelado. Nada sei de meu desejo a não ser o que o outro me revela. O olhar do outro me devolve a imagem do que eu sou.* (idem)

Assim, Lacan também inaugura uma outra forma explícita de “comunicação virtual” onde o princípio básico exigido subentende “ a existência ‘no outro’ ”.

O “*existir onde não sou*”, ou “*existir no outro*” aponta para um ser virtual ou seja um ser que se atualiza na imagem do outro.

Com Lacan podemos dizer “*existir onde não estou*”, ou “*existir no outro*” sua atualização significa projetar uma forma de comunicação “**estar virtualmente no outro**” .

5. Comunicação Virtual e Abordagem do Ciberespaço

A partir dos estudos de Levy (1999), em sua obra “O que é o virtual”, a virtualidade se desterritorializa, projeta-se no ecossistema informacional, no sentido contrário aos filósofos até então estudados, este autor desloca-se do real para o virtual. O movimento se apresenta como o “devir outro” demonstrando que o virtual é real, ou melhor, “*O virtual **existe sem estar presente***” (idem, p.48). Portanto este autor sugere a existência do real não presencial.

Levy discute neste obra profundamente o fenômeno da virtualidade na forma de um “existir sem estar presente”, ou seja existir no tempo sem unidade de lugar, concebendo a idéia do “*ciberespaço, ou a rede, o lugar onde ocorre as interconexões mundial entre os computadores abrigando um universo*

oceânico de informações assim como os seres humanos que alimentam e se servem deste serviço. (1999, p. 17) conceito referencial para explicar a inteligência coletiva.

Em outras palavras, significa que o computador pode assumir uma topologia em rede distribuída, acessar e ser acessado, disponibilizando informações que podem encontrar-se desterritorializadas em todo lugar assumindo total onipresença.

Para o autor, “*uma das principais características da virtualidade é seu desprendimento de um aqui e agora particular, e por isso posso dar um bem virtual, por essência desterritorializado, sem perde-lo* (idem p.58). O que segundo o autor , “*caracteriza de certa forma pelo desprendimento do aqui e agora*” (p.19).

Nesta visão o virtual continua manifestando-se na concepção do existir, um existir que pode estar no grande olho do universo do poderoso telescópio Hubble, sugerindo que a virtualidade estaria em reconhecer na imagem recebida via satélite, a presença do homem ausente que, passa a existir, através da tecnologia, na visão do espaço

Diferentemente dos outros autores referenciados, Levy não valeu-se da autocomunicação virtual, seu *ex sistere* , *sua virtus*, *seu daisen* (o estar aí, o colocar-se de fora ou estar em potencia), projetou um novo sujeito no ciberespaço, sem unidade de lugar, em função da natureza do objeto, “*O objeto comum suscita dialeticamente um sujeito coletivo*” (idem p.114). Para Levy a atualização do existir em algum lugar e em todos lugares seria equivalente “ **a ser virtual coletivamente sem unidade de lugar**”.

6. Dimensão Virtual

Considerando a perspectiva de cada autor e a lógica da comunicação virtual, a Figura I apresenta a síntese das atualizações e características e similaridades.

Autores	Princípios
<i>Pitágoras</i> 507 a. C.	O conhecimento é manifestado de forma virtual.
<i>Sócrates</i> 399 a.C..	A lembrança é uma forma de revelação do virtual.
<i>Platão</i> 348 a. C.	O conhecimento virtual é inato aos homens.
<i>Cícero</i> 49 a. C.	A virtualidade está no pensamento.
<i>Agostinho</i> 430 d. C.	A iluminação divina oferece a virtualidade interior.
<i>Descartes</i> 1650 d.C.	Penso logo sou virtual.
<i>Heidegger</i> 1927 d. C.	É virtualmente que o homem constrói seu modo de ser
<i>Lacan</i> 1964 d. C.	Estar virtualmente no outro
<i>Levy</i> 2002 d. C.	OVirtual está no coletivo sem unidade de lugar

Figura I: Atualização Virtual

Esta figura é resultado das atualizações projetadas neste estudo segundo o pensamento de vários autores, demonstrando em cada abordagem a reflexão dos filósofos da época em razão dos temas existência e conhecimento.

Esta síntese responde, em parte, de forma reducionista o resultado deste estudo num *continuum* do tempo, permitindo verificar segundo cada autor, as diferentes abordagens sobre o existir e o conhecimento virtual. Por outro lado, sugere que a virtualidade não é apenas o espaço onde acontece a interação dos públicos, mas também, o lugar que projeta os sentidos em infinitas formas de comunicação.

7. Um lugar para o receptor / emissor / mensagem

Na abordagem mítica –filosófica e metafísica, destaca-se a comunicação virtual do indivíduo com ele mesmo, fato que já era indiciário em Pitágoras e tem seu auge com o princípio de Descartes. “*cogito ergo sum*” penso logo sou virtual.

Nesta comunicação tanto o emissor, o receptor quanto à mensagem eram interiores ao homem definindo uma forma de autocomunicação.

Na abordagem ontológica, pode se verificar com Heidegger, que o homem deve ocupar o espaço virtual como ser, e dono do lugar onde ocorre a interação entre o emissor, o receptor e as mensagens e, deve assumir sua virtualidade construindo seu modo de ser.

Na outra abordagem ontológica, a comunicação virtual ocorre fora, não mais no interior do indivíduo. Lacan afirma que é possível “estar virtualmente no outro” o que significa que o “emissor” passa a assumir o lugar do receptor, o existir no outro.

Neste processo de comunicação ocorre uma inversão de interesses, o emissor parece colocar-se virtualmente no receptor em todos seus sentidos (ouvir, tato, gosto, visão, falar).

Nesta abordagem, Lacan indiretamente, oferece uma grande contribuição à comunicação virtual, desloca o foco do emissor para o receptor, consegue dar visibilidade ao receptor. Ocorre a busca virtual no outro (receptor) através da realimentação “*feedback*” a mensagem, e a informação.

A abordagem ciberespacial, segundo Levy, abarca os demais autores, uma vez que a comunicação virtual deixa de ser interior, deixa de ser no outro para ganhar o coletivo. Assim tanto a mensagem, o receptor e o emissor estão onipresentes no ecossistema de informação.

Para Levy, “o virtual está no coletivo e sem unidade de lugar” ou seja, existe uma inteligência coletiva, que é lugar onde os fluxos de informações e suas mensagens passam a ser desterritorializada, impossível localiza-las no tempo/ espaço.

Tais fatos permitem concluir que a mecânica newtoniana cede espaço diante do indeterminismo do emissor e do receptor. Sob a ótica da comunicação, seus elementos básicos emissor, receptor e mensagem passam a ser explicados pela via da relatividade.

Isto passa ocorrer quando se observa alguns exemplos de novas mediações tecnológicas. O telescópio Hubble, capaz de projetar um olho eletrônico no espaço infinito como se o homem lá estivesse presente, quando

se projeta a organização virtual pelo teletrabalho, quando se projeta o cartão inteligente “smart-card”, que armazenam dinheiro e informações virtuais, quando se projetam mensagens que estão armazenadas e disponíveis a qualquer tempo e lugar pela secretária eletrônica. De igual forma quando se projetam as duas torres de luz, em Nova York que buscam reconstruir virtualmente o vazio deixado pela destruição do World Trade Center. Ambos exemplos respondem por novas formas de mediações onde a virtualidade está presente identificando novas formas de comunicação.

8. O sentido - virtual para o real

Pode-se observar que tais referências, sobre a “comunicação virtual”, ensaiam um olhar na linha do tempo, desenham uma perspectiva filosófico-comunicacional, devendo reivindicar novas incursões, bem como, uma análise mais aprofundada tendo em vista a amplitude deste tema.

Enquanto Levy propõe estudar a comunicação tendo como origem no real, onde o real é a origem, o virtual o seu destino e o ciberespaço o lugar apropriado capaz de projetar o sentido da comunicação se deslocando do real para estabelecer a “comunicação virtual”.

Os demais os percursos estudados tendem a colocar o homem como ator de seu interior, dialogando consigo mesmo, buscando adquirir conhecimento, no seu “existir” ou no exercício de sua “autocomunicação”.

Tais abordagens, neste sentido, contrárias a Levy se distanciam da idéia de ciberespaço, sugerindo que para pensar o virtual, o ponto de partida deve ser a origem do homem.

Assim, os significados de “existir”, “pensar”, ou “estar em potência”, analisadas neste *continuum*, passam a sugerir um novo sentido entre o emissor e o receptor reivindicando uma relação de circularidade entre o real e o virtual.

É possível identificar, uma nova perspectiva do homem diante do existir e do conhecer, as concepções filosóficas parecem apontar que o homem não se desloca na linha do tempo do real para o virtual. A agenda filosófica apresentada na figura I, sugere que o homem se permite demarcar sua **origem no virtual**, ganha uma dimensão tangível no **real**, projetando uma caminhada infinita **com seu retorno ao virtual**.

É como se a origem do conhecimento no homem fosse resultado de uma construção de códigos, informação desterritorializadas no tempo e, que o processo de comunicação virtual lhe atribuiu vida no real.

Parece lógico especular, que tais filósofos gregos, se antecederam diante de sua realidade “mítica –filosófica”, uma vez que, suas reflexões estão a sugerir, que no princípio da vida, o conhecimento existente e indiciário, possuía um *locus* virtual, onde o “real” passou a ser apenas uma materialização no espaço-tempo, que ganhou visibilidade quando se construiu sob a *ágora* do virtual.

9. Insulamento virtual - A subjetividade

De certa forma, o conceito de virtualidade permite induzir, a existência de certa comunalidade entre os autores analisados, uma vez que as diferentes

abordagens, identificaram espaços de conhecimento, reservados tanto interior como exterior á cada indivíduo .

Esta capacidade de reproduzir sentidos que o homem possui, como um ser interior ou coletivo que o torna simultaneamente ausente de lugar, permite projetar não apenas uma comunicação virtual de “um para um” ou de “muitos para muitos”, mas de ser capaz de induzi-lo a uma forma de insulamento em seu meio ambiente.

Conforme a figura I sugere, o homem tende virtualmente à introspecção ou a um possível insulamento interior. A apropriação de uma nova janela, via rede “Internet” não só edifica uma nova parede de Platão, como também projeta novas sombras, permitindo a especulação fácil do conhecimento e de fatores que podem desestimular o convívio social, e induzir o homem à solidão consentida.

Neste contexto, há que considerar um movimento contrário, capaz de projetar o espectador para o seu exterior, o ciberespaço (as organizações informacionais e as comunidades virtuais), que ao integrar interesses comuns, o faz coletivamente tornando o homem, um ser ausente de lugar.

No que diz respeito as relações estado-sociedade, o convívio dos homens em comunidades públicas virtuais, cresce acentuadamente, a par da exclusão social e de uma nova *e-topia*, um fato relevante, uma vez que aponta para um estágio mais avançado da sociedade, que poderá contribuir para a interação do cidadão com a totalidade das esferas públicas federais, estaduais e municipais (controles, gastos, serviços e informações).

Tais mediações tecnológicas, por razões anteriores parecem exaltar o caráter subjetivo do homem, bem como, induzir os indivíduos ao insulamento coletivo em ambientes inteligentes. Espera-se que estas mediações, restabeleçam o verdadeiro sentido da comunicação, que conduzam os homens, à assumir o papel de sujeito, capaz de interagir no espaço político-social e ser um ente solidário no chamado ciberespaço.

Muito embora este comportamento ou fenômeno traspassem a idade dos homens, a história é rica de exemplos, em que sistemas virtuais do passado remoto, pouco contribuíram para atenuar os aspectos subjetivos da humanidade.

CONCLUSÃO

O desafio de estudar a trajetória da dimensão virtual, a partir de uma abordagem mítica-filosófica, enseja não apenas um mosaico de reflexões, mas sugere um novo *locus* para a ciência da comunicação cuja preocupação deve verificar: indeterminismo dos sujeitos; o insulamento dos públicos e relatividade no sentido da comunicação.

Sendo assim, esta visão não pode limitar-se apenas, em questionar, a dimensão do “virtual”, nem tão pouco, atualizar o “pensamento, e o existir filosófico” na linha do tempo.

Além de propor tais reflexões, recomenda um compromisso epistemológico, capaz de propiciar certa visibilidade, ao “processo de

comunicação social” que pode se encontrar ameaçado, por desconhecimento de sua futura trajetória.

REFERÊNCIAS

- CADOZ, Claude. *A realidade Virtual*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- CAPANAGA, Victorino. *Obras de San Agustín*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos. 1959.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Introdução a História da filosofia: dos pré socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1994.
- CÍCERO, Marcus Tullius. *Tusculan Disputations*. Cambridge: Ed. Harvard University 1983.
- DAMÁSIO, Antonio R. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HEIDGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda. 1990
- JOLIVET, Régis. *Tratado de Filosofia –Metafísica*. Rio de Janeiro: Liv. Agir editora, 1965.
- DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1971.
- LACAN, Jaques. *O seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1993.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____, Pierre. *A inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____, *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999
- _____. Pierre . *A conexão planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editore 34, 2001
- MARTINS, Francisco Menezes e Silva , Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.
- VALERY, Paul . *Pensamento vivo de Descartes*. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1952
- PLATÃO. *Ménon*. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- SARAIVA, F.R.dos Santos . *Novíssimo Dicionário Latino –Português*. Rio de Janeiro Livraria Garnier, 2000, 11ª edição.
- PRADO, José Luiz Aidar. *Brecha na comunicação: Habermas , o Outro, Lacan*. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996.
- RIBEIRO, Eduardo Ely Mendes. *Individualismo e Verdade em Descartes: o processo de estruturação do sujeito moderno*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1995.